

## Editorial

Publicamos nesta edição o terceiro e último número do ano de 2018, desta Revista de circulação quadrimestral. Fechamos o ano com a intensa colaboração de autores, avaliadores e comissão editorial, agradeço a todas e todos que estiveram conosco garantindo a função de divulgação de conhecimento produzido na área de Educação. Ao longo deste ano, nossa Revista ampliou sua comissão editorial, passou a contar com editores associados que cuidaram de procedimentos tecnológicos e científicos para assegurar a melhor comunicação possível entre seus colaboradores. A esta equipe, meus sinceros agradecimentos pela parceria responsável.

Novos desafios nos aguardam em 2019, o que nos convoca a dedicar especial atenção aos aspectos educacionais.

Vivemos nestes últimos seis meses a intensificação de situações-limite em nosso país, algumas delas repetições de períodos recentes, que nos deixam em alerta para com as importantes perdas sociais sofridas, tais como as que abrangem a cultura, a educação, o meio ambiente. Tal observação me faz compartilhar uma questão, como um convite a conversar: O que arde em nós quando partes da cultura e da história deste país se desfaz em chamas?

Uma dor funda, intensa, plúmbea, tal qual a que nos soca o estômago nas irreparáveis perdas, nos faz reviver as labaredas de violência, vividas de perto e de longe. O corpo inteiro de uma nação dói e queima em feridas abertas a cada vez que proliferam gestos de criminoso descaso aqui ali e acolá.

Quem se importa?

Queimam em fogueiras e se esfriam em cinzas, imagens da impunidade quando um rio queda morto em Mariana, assim como todas as vidas que dele se nutriam.

Quando uma negra, política, lésbica, mãe e mulher explode assassinada no Rio de Janeiro.

Quando velhas primaveras são arrancadas e mortas em uma Avenida de Sorocaba, maquiando as cicatrizes provocadas por machucados urbanos. O paisagismo aqui serve de “muro cinza” que apaga as relações afetivas com um espaço, na desculpa de conter a criminalidade.

Quando venezuelanos são violentamente banidos de Roraima.

Quando índios são assassinados na Amazônia, ou um reitor se suicida em Florianópolis ou um político é esfaqueado em Juiz de Fora.

E tantos e outros incontáveis gestos violentos que, como lenha seca, alimentam o fogo destrutivo de um país que escolhe nutrir-se de esquecimento.

Quem escolhe?

Fogueiras midiáticas cujo efeito rebote nos chicoteia; fogo manifesto toda e cada vez que as cinzas de tais incêndios voam e se apagam da memória civil.

Se políticas públicas educacionais decidem que escolas serão reprodutoras de exercícios e de disciplinas; se o debate no campo da educação não está com as pessoas e não ouve professores, gestores, estudantes, pais; se a vida, a cultura, os bens imateriais e as pessoas não constam da agenda política de um governo eleito para firmar pactos destrutivos, cujo gesto afirmativo é o de que crimes e desmandos vão arder no fogo da impunidade...

Sem memória, esquecidos e atordoados, já não somos uma nação, nem muitas, nem nenhuma.

Há escolhas?

Escolhemos, para este número da Revista, contemplar o não esquecimento.

Fazemos assim a opção pelo debate, através do dossiê temático intitulado “**Escola sem Partido**” organizado pelos professores Eraldo Leme Batista e Jeferson Gonzales. Neste dossiê, os autores discutem aspectos fundamentais para o questionamento a estes projetos de lei (PLs) que são divulgados de forma a denegrir a imagem, a profissão e a ética dos profissionais envolvidos com a educação. Com este dossiê, levantamos a questão: É (im)possível uma Escola sem Partido(!)? Em alguns estados brasileiros, já se tomam medidas para evitar o desmonte de uma educação política no sentido emancipatório da construção da autonomia, defendido por Paulo Freire e muitos outros educadores democráticos, e que absolutamente não corresponde ao sentido equivocado que se divulga em redes sociais e pela mídia sensacionalista, de que as escolas brasileiras são panfletárias e possuem duvidoso cunho ideológico.

Os textos de demanda contínua estão organizados para que o enfoque do não esquecimento contemple as pesquisas com escolas, tanto no campo da gestão quanto da docência; a ação de aprender fortalecendo as bases do ensino democrático, e a perspectiva histórica apresentando dados relevantes para a construção do pensamento educacional.

Homenageamos nesta edição a profa. **Jane Soares de Almeida** que deixou um lugar vazio no Programa de Pós Graduação em Educação desta universidade. Amiga, companheira de trabalho, escritora, professora pesquisadora reconhecida em sua área pelos estudos do feminismo em interface com a educação, é aqui lembrada com a publicação de seu último texto, escrito em parceria com a profa. Jamilly Nicácio Nicolete, no artigo “Educadoras protestantes em São Paulo: uma invisibilidade histórica”.

O não esquecimento está contemplado também na sessão **Resenhas**, com a divulgação de duas obras importantes e recentes. O livro “A noite da espera”, de Milton Hatoum reaviva em nós os acontecimentos de outros tempos em sua narrativa e “Uma clareira no bosque: contar histórias na escola”, de Gilka Girardello reacende a importância da oralidade na prática cultural de contação de histórias.

Desejamos que esta reunião de textos lhe convide ao imprescindível debate crítico das questões que se colocam na atualidade.

Boa leitura!

Dezembro 2018

Profa. Dra. Alda Regina Tognini Romaguera  
Editora